**Intertextualidade - segunda geração modernista**

Por Gabriel Gietzel

A primeira semelhança é bem nítida, os três poemas tem o mesmo início: ”*Quando nasci, um anjo [adjetivo]*”. Em seguida os autores contam algumas coisas de sua própria vida na 3ª pessoa do Singular, outra semelhança nas histórias, as dificuldades e problemas deles. No poema de Carlos ele se descreve como *“sério, simples e forte. Quase não conversa. Tem poucos, raros amigos*”, ele vê as coisas ao seu redor como uma “*tarde azul*”, com a cor azul talvez remetendo a tristeza, por mais que ele tente fazer algo para mudar “*não seria uma solução*”. No quinto estrofe ele parece sentir revolta, como se ele não merecesse o que acontecia em sua vida. No segundo poema, Chico conta que já era seu destino errar desde que nasceu, não se importava muito com estudos e nunca foi “o cara” em algo que ele fazia. Conseguiu uma boa carreira cantando, mas aparentemente não durou muito, “*Por conta de umas questões paralelas*” tudo foi por água abaixo, ele perdeu fama, provavelmente dinheiro também e uma mulher interesseira. Pelo menos ele trouxe um grande exemplo de determinação, mesmo depois de tudo ele persiste: “*Mas vou até* o *fim*”. No terceiro e último poema, Adélia conta uma história de uma mulher guerreira, com um alto autoestima, diz ser forte e compreende a dor. Tem uma enorme “*vontade* *da* *alegria*”, de buscar felicidade e viver. No final faz uma pequena comparação entre homens e mulheres afirmando ser “*desdobrável*”, maleável, flexível. O poema de Adélia é bem diferente, dá para notar que é repleto de conquistas e quase não possuí rimas, quase que o inverso do poema de Carlos Drummond e tem apenas uma estrofe. Os poemas de Carlos e Chico são parecidos, tanto na descrição da história, quanto em tamanho. Curioso que o Poema de sete faces tem exatamente sete estrofes, mas não descobri se é somente esse o significado.